

CEDI

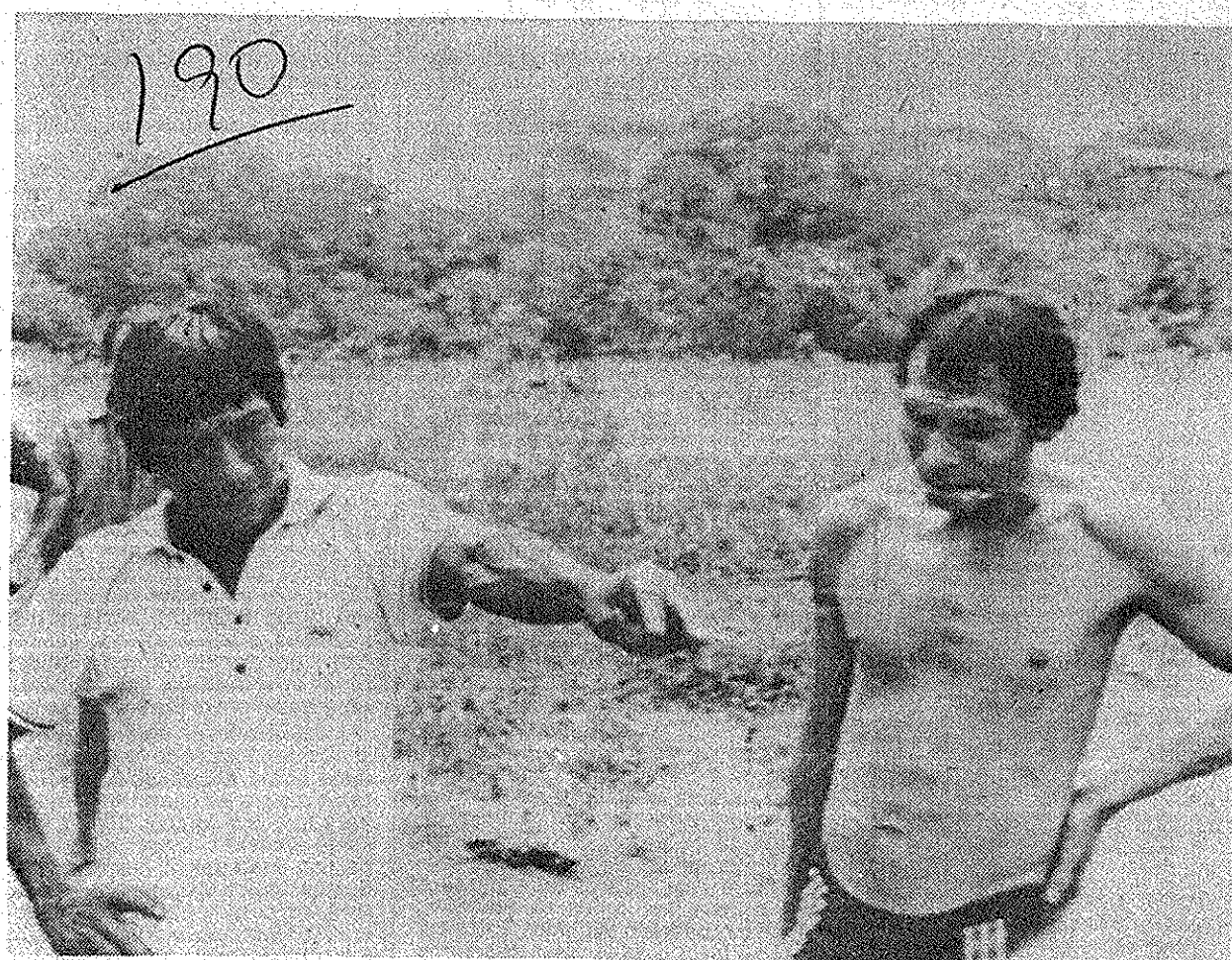
Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo

Class.: 220

Data: 04.09.80

Pg.: 10



A explicação das mortes

Os gorotires, índios do grupo caiapó, explicam por que mataram 17 pessoas numa fazenda no Pará, segunda-feira: fo-

ram reclamar de invasão e queimadas em suas terras e os brancos os atacaram.

Foto Sérgio Borges — Telefoto Estado

Página 13

Povos Indígenas no Brasil

Mulheres e crianças entre as 17 vítimas dos caiapós

Massacre preocupa Andreazza

Da sucursal de
BRASÍLIA

O ministro do Interior, Mario Andreazza, revelou ontem que foi surpreendido com o ataque dos índios caiapós à fazenda Espedilha. "Estávamos cumprindo a lei, demarcando a área e há este incidente", lamentou. Andreazza garantiu que acontecimentos como este — o segundo em menos de um mês — "estão nos preocupando e a maneira de afastar a violência o mais rápido possível é a demarcação das terras indígenas".

Na opinião do ministro os massacres "não se justificam quaisquer que sejam os motivos". Mas parece não ter-se lembrado, ao afirmar que "estávamos demarcando a área", que o trabalho de demarcação das terras caiapós está interrompido desde o início do ano e mal começou, pois a firma que venceu a concorrência — Pratat — falu deixando mais de Cr\$1 milhão em dívidas em nome do órgão tutelar.

Andreazza disse ainda que há cinco dias o presidente da Funai, coronel Nobre da Veiga, recebeu um relatório de um grupo de trabalho que esteve no Pi-gorotiri, contendo reivindicações dos caiapós para alterar o limite de suas terras. "O relatório está sendo analisado — afirmou — e procuramos defender ao máximo o interesse dos índios".

Na opinião do ministro, para demarcar as terras indígenas "teremos vários problemas", mas frisou a necessidade deste trabalho pela expansão das fronteiras agrícolas "quando os colonos e posseiros acabam adentrando nas áreas indígenas". Garantindo ainda a continuidade da política indigenista oficial, assegurou que "prosseguiremos sem nos deixar envolver por incidentes como estes", referindo-se aos dois massacres.

A Funai divulgou, ontem à noite, uma nota oficial com dados ainda imprecisos sobre os acontecimentos na área caiapó. Segundo a nota, o avião da Funai não conseguiu pousar no Pi, mas a equipe constatou a morte de 12 pessoas na fazenda Espedilha. O órgão afirma ainda que há possibilidade de haver mais nove mortos, o que não foi constatado "devido à dificuldade de locomoção". Informou que testemunhas disseram que os índios saquearam algumas fazendas.

ELIANA LUCENA
Enviada especial

GOROTIRE — Dezesete pessoas — onze homens, três mulheres e três crianças — foram massacradas a golpes de borduna no ataque ocorrido na última segunda-feira à fazenda Espedilha por 105 índios gorotire, do grupo Caiapó. Ontem, o clima era ainda de extrema tensão na área indígena, onde o delegado da Funai, em Belém, Paulo César Abreu, junto com cinco policiais armados com metralhadoras, impediu que os jornalistas mantivessem contato com os índios, ou entrassem na aldeia dos gorotire.

De acordo com a versão apresentada pelo delegado e confirmada por alguns índios que chegaram até o campo de pouso, os gorotire atacaram os ocupantes da fazenda depois de dois deles, Ireo e Mecolca, terem recebido golpes de faca e de machado.

O problema com os proprietários da fazenda teve início em junho, quando a Funai tomou conhecimento de que os desmatamentos feitos por várias fazendas estavam invadindo a área dos gorotire. A Funai interditou essas áreas e seus ocupantes concordaram, na ocasião, em respeitar os limites impostos pela Funai.

Nas últimas semanas, no entanto, os índios ficaram sabendo que 600 peões e fazendeiros haviam retornado à região reiniciando as queimadas. Na sexta-feira passada os índios estiveram na fazenda Cumaru e, na ocasião, foram informados de que 1.800 homens estavam se dirigindo para a área a fim de apoiar o trabalho dos fazendeiros.

Na segunda-feira, os índios prepararam uma expedição para apurar a informação, mas, quando chegaram à fazenda Espedilha — uma das seis que atualmente invadem a reserva indígena —, foram repellidos pelo capataz Jones, que teria dito que a questão seria resolvida na ponta de sua arma, que estava apontada para os índios. Os gorotire tomaram a arma do capataz, mas, nesse instante, segundo a narrativa do cacique Poropotí, uma mulher pegou uma faca ferindo o índio Ireo na barriga. Ao mesmo tempo, o índio Mecolca recebia uma pancada na cabeça. A partir daí, os índios teriam atacado as pessoas que estavam na sede da fazenda, além dos peões que chegaram para defender o local.

As vítimas foram mortas a golpes de borduna e depois, segundo o delegado Paulo César, receberam "tiros de misericórdia".

POLÍCIA NA FAZENDA

Ontem à tarde o delegado da Funai, acompanhado de cinco

agentes federais, iniciou uma caminhada de dez horas a pé, pela mata, até a fazenda onde ocorreu o massacre. As notícias chegaram a Porto Gorotire eram de que cem homens armados guardavam o local onde ainda estariam os corpos das vítimas.

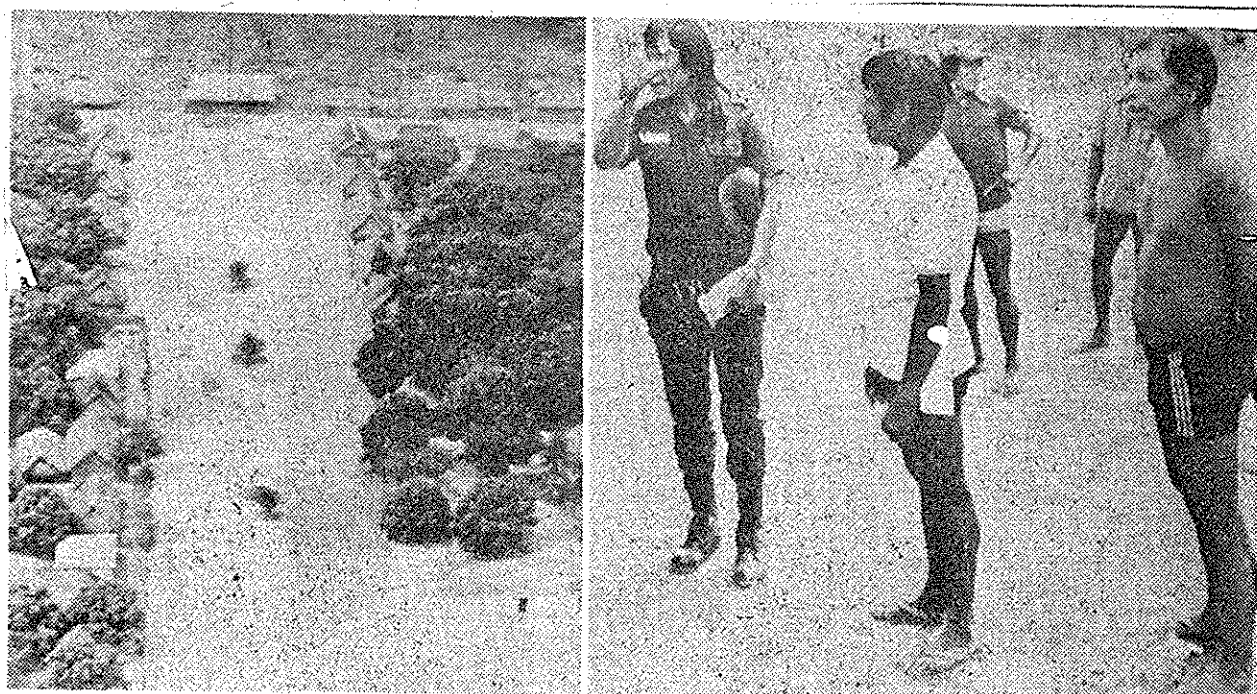
Os índios pareciam agitados, anunciando que alguns de seus companheiros ouviram vozes de pessoas estranhas que estariam próximas ao posto indígena. Apesar do clima de tensão, os índios celebraram os rituais de guerra no pátio da aldeia. Dançaram toda a noite de terça para quarta-feira, e ontem depois do almoço banharam-se no rio Fresco, retirando parte da tinta preta com a qual se pintam para missões guerreiras. Durante oito dias, os participantes do massacre não poderão entrar em suas malocas, para evitar os maus espíritos.

O capitão dos gorotire Canhoco — apesar da afirmação feita pelo delegado da Funai de que os índios não queriam falar com a imprensa — declarou que eles foram à fazenda sem intenção de atacar. "Os índios só atacaram os brancos — disse o cacique — porque foram feridos com faca e machado".

A própria Funai não sabia informar ontem detalhes sobre as pessoas massacradas. A fazenda, até pouco tempo, de acordo com a Funai, pertencia a Joaquim Menezes — o Quinzinho — mas recentemente foi vendida a José de Castro.

A situação na área dos caiapós, envolvendo a invasão de suas terras não é apenas no Gorotire, mas também na reserva dos xicrins, onde na quinta-feira passada só não ocorreu um massacre pela presença de funcionários da Funai. Os índios aprisionaram oito pessoas que trabalhavam na fazenda do grupo Pau d'Arco, a "Granreata", que também instalou-se na área dos xicrins. A Funai interditou a fazenda, que já conta com 900km de estradas, e libertou os prisioneiros, que foram detidos pelos índios quando desembarcavam de dois aviões no interior da reserva, localizada na região do Cateté.

O delegado da Funai, Paulo César, afirmou que tanto os fazendeiros do Gorotire como os que ocuparam parte da área dos xicrins foram alertados várias vezes pela Funai de que estavam invadindo áreas indígenas. De acordo com sua versão, os ocupantes da fazenda atacada pelos gorotires na segunda-feira teriam afirmado aos índios que "os documentos apresentados pela Funai não tinham qualquer validade, não garantindo a terra do índio".



Na aldeia Gorotire, ainda tensa, o delegado relata o massacre, ao lado do cacique

Fotos Sérgio Borges — Telefotos Estado